



## **Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social<sup>1</sup>**

Gabriela Felipe Rodrigues Metzker<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

A integração entre comunicação e educação mostra-se o caminho necessário para o ensino formal, já que os meios de comunicação e as novas tecnologias estão gerando novas formas de produção, circulação e recepção do conhecimento. Nesse sentido, surge um novo campo de intervenção social, a Educomunicação. Discutiremos a importância desse novo campo, sua composição e possibilidades de atuação, sempre visando à formação de ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Educação; Educomunicação; Ecossistema Comunicativo; Tecnologias

### **Introdução**

Os meios de comunicação, marcados pelas linguagens complexas, estão gerando novas formas de produção, circulação e recepção do conhecimento, fazendo com que os jovens vivenciem experiências de linguagens que vão muito além da tradição verbal: “Essa evidência transforma a sala de aula em espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal” (CITELLI, 2006, p. 161). A escola, portanto, deveria saber lidar com esses novos modos de ver, sentir e compreender, porém ela não conseguiu acompanhar a aceleração tecnológica e a crescente influência dos meios de comunicação, o que gerou um descompasso entre ambos: “Talvez o termo *descompasso* seja o mais adequado para designar a situação presente vivida pelas escolas dos ciclos fundamental e médio diante dos meios de comunicação e das novas tecnologias” (CITELLI [org.], 2000, p. 21).

Mesmo com descompassos, educação e comunicação não podem continuar em lados opostos, pelo contrário, devem trabalhar juntas para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e integrado ao universo das crianças e adolescentes. Segundo Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, há uma relação dialógica entre esses campos, o que resulta em um novo campo:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Mestranda da área de Interfaces Sociais da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). E-mail: g.metzker@bol.com.br



o da Educomunicação. O pesquisador defende a existência desse novo campo de intervenção social, pois a Educomunicação se apresenta com autonomia: tem filosofia própria, história e reconhecimento da sociedade, não comungando dos mesmos princípios do campo da comunicação. A Educomunicação é um campo de mediações, de interdiscursividade. “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre os projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva” (SOARES, 1999, p. 57).

### **1. O surgimento do novo campo**

Ao tratar da inter-relação entres os campos da educação e da comunicação, Ismar de Oliveira Soares destaca que existem duas frentes de defesa: uma que vê essa inter-relação apenas como mera interface entre os campos tradicionais e outra que reconhece o surgimento de um novo campo. Segundo o autor, os pesquisadores do primeiro grupo defendem que tanto comunicação quanto educação são campos historicamente constituídos e fortes. “A educação, para os mesmos pesquisadores, é legitimada na esfera do oficial, do bem comum, da necessidade mínima de construção da cidadania, enquanto a comunicação é reconhecida como inerente ao sistema liberal e transferida para a iniciativa privada” (SOARES, 2000, p. 18). Nessa linha de pensamento, também o discurso distancia educação e comunicação. O discurso educacional é enquadrador, oficial, autoritário; já o discurso comunicacional é desautorizado, aberto, está sempre à procura do novo. A educação está presa ao Estado, e a comunicação vincula-se ao mercado. Por essas razões, educação e comunicação jamais poderiam integrar-se, pois correriam o risco, segundo essa frente de defesa, de perder sua identidade e razão de ser.

No entanto, aqueles que reconhecem o surgimento de um campo integrador defendem que o mais importante eixo construtor do novo campo é a interdiscursividade. “Para estes, as investigações nesta área de confluência têm a polifonia discursiva como seu elemento estruturante” (SOARES, 2000, p. 19). Soares cita Paulo Freire ao afirmar que a comunicação é um componente do processo educativo e não um recorte do “messianismo tecnológico”: “Paulo Freire afirma que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal; não está apenas no mundo, mas com o mundo” (SOARES, 2000, p. 19). Nessa segunda linha de pensamento, a comunicação passa a ser vista, portanto, como relação, como modo dialógico de interação do agir educacional. Soares ressalta também a teoria de Mário Kaplun, “para quem a ‘Comunicação Educativa’ existe para dar à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do



educando” (SOARES, 2000, p. 20). Nesse sentido, a comunicação deixa de ser mero instrumento utilizado para educar, para se posicionar como eixo vertebrador dos processos educativos. Soares lembra que é preciso educar para a comunicação e não pela comunicação. O elemento constitutivo do novo campo é a relação entre comunicação e educação. É essa linha de pensamento que conduzirá nossa discussão, de forma a apresentar o novo campo e destacar sua importância, pois, como destaca Soares, a relação entre comunicação e educação está sendo reconceitualizada e direcionada para uma educação cidadã emancipatória. Fazemos nossas as palavras de Soares: “O que esperamos é que seja forte para romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada meramente ao consumo” (SOARES, 2000, p. 21).

A inter-relação entre comunicação e educação inaugura um novo paradigma discursivo transversal, que se estrutura de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo. De acordo com Soares, o novo campo é vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social, as quais veremos adiante. “A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai permitindo a construção de sua especificidade”<sup>3</sup>. O interdiscurso seria um palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou complementam-se.

Sobre o surgimento do novo campo, Soares lembra que o Fórum Mídia e Educação, promovido pelo Ministério da Educação em 1999, reconheceu sua existência, como destacado no Documento Mídia e Educação:

“Reconhecemos a inter-relação entre Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a Educação” (SOARES, 2000, p. 22).

O Documento recomenda às Faculdades de Comunicação que abram espaço no currículo para questões educacionais, permitindo que o graduado atue como educador, o profissional direcionado a formar ecossistemas comunicativos.

## **2. Objetivos e propostas da Educomunicação**

Segundo Ismar Soares, a Educomunicação pode ser definida a partir do seguinte conceito:

“... o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas



comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou ‘e-learning’, e outros...” (SOARES, 2000, p. 115).

Por meio da Educomunicação é possível promover a educação emancipatória, aquela que prepara o sujeito para pensar, desenvolver sua consciência, seu senso crítico. Não é a emissão que precisa receber todas as atenções, sendo rigidamente vigiada ou censurada; é a recepção que deve ser trabalhada para que a pessoa aprenda a “ler” de fato a mensagem. É claro que o receptor não é aquele ser passivo, plenamente influenciado pela mídia, mas ainda é preciso romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada ao consumo. Isso pode ser feito, segundo Soares (ao citar Nadia Lauriti), “... a partir da prática e do interdiscurso da educomunicação que se apóia na concepção de um novo sujeito, de uma nova espacialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção do significado e da práxis” (SOARES, 1999, p. 57).

Ao falarmos em criar e fortalecer ecossistemas comunicativos, isso significa, segundo Soares, criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. É preciso, portanto, abolir as formas autoritárias de comunicação. Esses ecossistemas comunicativos cuidam “da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (SOARES, 2006). O ecossistema comunicativo está sempre em construção e, para que possa ser aperfeiçoado, é fundamental ter cuidado na forma como o tema é introduzido. Por isso, no início faz-se necessário evitar rejeições e conflitos com os educadores e agentes sociais que defendem concepções mais tradicionais de relações humanas nos espaços educativos. O segredo, segundo Soares, é encontrar pontos de consenso, como a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. A Educomunicação depende de todos os agentes envolvidos, portanto, ela jamais pode ser imposta; é preciso conquistá-los, fazer alianças, sempre levando em consideração as condições específicas de cada ambiente.

As ações da Educomunicação destinam-se também, além de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos, a integrar o estudo sistemático dos sistemas de comunicação às práticas educativas. Soares lembra que a proposta é efetivamente cumprir o que solicitam os Parâmetros Curriculares Nacionais no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com os alunos para conviverem com os meios de comunicação de forma positiva, sem se deixarem



manipular. É preciso desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, assim como usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas. A Educomunicação também se propõe a melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, ou seja, facilitar o processo de aprendizagem e incentivar alunos, professores e comunidade a se expressarem.

Soares ressalta ainda a importância de alguns procedimentos para que a Educomunicação seja implementada. Segundo ele, não basta realizar ações isoladas, pois uma ação isolada não é capaz de modificar as relações de comunicação existentes num ambiente marcado por práticas autoritárias de comunicação. É preciso prever e planejar conjuntos de ações, incluídos no plano pedagógico das escolas. Além disso, todo planejamento deve ser participativo, ou seja, deve envolver todas as pessoas ligadas à comunidade escolar, sejam elas agentes ou beneficiárias. Essencial também é que as relações de comunicação sejam sempre francas e abertas, afinal, a Educomunicação busca rever os conceitos tradicionais de comunicação, que passa a ser vista como uma forma de socializar e criar consensos, e não como uma maneira de persuasão. Enfim, o objetivo principal das ações educacionais é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, tanto individualmente quanto em grupo.

## **5. Áreas de intervenção social do novo campo**

Soares destaca que, a partir de pesquisa<sup>4</sup> desenvolvida pelo Núcleo Comunicação e Educação do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP com 172 especialistas e profissionais de 12 países da América Latina, confirmada por agentes do campo nos Estados Unidos, foram constatadas algumas áreas de intervenção profissional próprias do novo campo:

### **5.1. Área da Educação para a Comunicação**

Essa área é baseada nos estudos da recepção e reflete sobre as relações entre produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens. Além disso, no campo pedagógico, essa área volta-se, segundo Ismar Soares, “para os programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios” (SOARES, 2001, p. 117). A idéia é

---

<sup>4</sup> A amostragem contou com 172 especialistas e profissionais dedicados à Comunicação Educativa e à Educação para os Meios de Comunicação de toda a América Latina. A pesquisa indagou, basicamente, sobre a natureza da inter-relação em estudo, as várias áreas de atividades que resultam dessa inter-relação e o perfil dos trabalhadores nela envolvidos. O objetivo, segundo Ismar Soares, coordenador do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da Escola de Comunicações e Artes da USP, “foi identificar como se estabelecem, no mundo contemporâneo, espaços transdisciplinares próprios das atividades do saber. No caso específico, espaços que aproximam, tanto de forma teórica quanto pragmática, os tradicionais campos da Educação e da Comunicação” (SOARES, 1999, p. 20).



ensinar os alunos a lidar com os meios de comunicação e com o universo audiovisual e virtual de maneira crítica e consciente, deixando de lado a postura ingênua.

As ações, tanto da educação formal quanto da não formal, presenciais e/ou a distância, são voltadas para o estudo e a compreensão do lugar que os meios ocupam na sociedade. O objetivo não é apenas realizar estudos de caráter teórico, mas também práticos, em que diferentes dinâmicas de comunicação e produção sejam envolvidas. Soares destaca que a “Educação para os Meios” estuda o impacto social que os meios de comunicação promovem na sociedade, as implicações da comunicação mediatizada, a participação e a modificação do modo de percepção que ela propicia. Como resultado, essas ações promovem “o papel do trabalho criador, o acesso e o uso autônomo e livre dos recursos e linguagens da comunicação para a expressão dos indivíduos e grupos sociais” (SOARES, 1999, p. 28).

O autor ressalta que, apesar de existirem tentativas de trazer o tema para a sala de aula, a educação para os meios ainda não é parte integrante da escola. “O sistema de ensino ainda não integrou, de forma definitiva e adequada, a educação para os meios em suas metas e em suas práticas” (SOARES, 1999, p. 30). No entanto, Soares lembra que, na América Latina, a chamada “leitura crítica dos meios” difundiu-se graças à contribuição pedagógica de Paulo Freire e à estratégia de grupos de educadores que lutavam contra o imperialismo cultural norte-americano, os quais acreditavam na consciência crítica das audiências como uma forma de resistência a esse domínio. Assim, os programas de educação para os meios desenvolveram-se paralelamente ao ensino formal, em instituições de comunidades, bairros e subúrbios. Ao citar Pedro Gilberto Gomes, Soares destaca o avanço que a América Latina está dando à questão: “Em lugar de se falar apenas em ‘educação do senso crítico’, a proposta se dirige a uma ‘Educação para a Comunicação’, entendida essa como processo” (SOARES, 1999, p. 33). Assim, o trabalho desenvolvido na América Latina enfatiza a produção e a busca de alternativas comunicacionais, cujo objetivo é romper com a unidirecionalidade dos processos de comunicação existentes. Para isso, enfoca-se o receptor. “No caso, privilegia-se o pólo do receptor, trabalhando com a pessoa no sentido de fortalecer a sua consciência de pertença a um grupo social concreto, com valores a afirmar e projetos a concretizar” (SOARES, 1999, p. 33).

Os avanços da América Latina na área de Educação para a Comunicação é resultado do pensamento ligado à “teoria das mediações”, que vê os *media* como intermediários na produção da cultura e, ao mesmo tempo, acredita que o próprio fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade, como a família, a escola, os amigos, etc. “Em outras



palavras, ao não se reconhecer mais uma influência dos meios sobre seus usuários, torna-se necessário trabalhar com os intermediários, com os mediadores da influência, especialmente com os pais” (SOARES, 1999, p. 33).

Soares lembra também que essa área vem se revelando como um espaço motivador para a realização de pesquisas, porém ainda há muito a ser feito, principalmente na prática. Segundo ele, educadores do mundo todo estão começando a cada dia, sempre com a sensação de que tem sido feito muito pouco em relação ao que deveria ser realizado.

## **5.2. Área da Mediação Tecnológica na Educação**

A Educomunicação trabalha com temas transversais, valoriza o conhecimento como um todo, e não apenas informações compartimentadas. Nesse processo, as tecnologias têm um papel essencial: elas não são meros instrumentos para melhorar a performance do professor; devem ser usadas para melhorar a performance de todos, sejam professores sejam alunos seja a própria comunidade. Porém não podem ser vistas apenas como instrumentos; o cenário e o ambiente em que atuam também devem ser considerados, ou seja, a tecnologia deve ser vista como mediação. Na escola, a tecnologia e os meios de comunicação podem ser usados para promover a integração do grupo, abolindo a centralização e valorizando a pluralidade. A escola deve ser, como lembra Martín-Barbero, um espaço democrático, onde todos podem ter voz: “... lugar de conversación entre generaciones, entre jóvenes que se atrevan a llevar a la escuela sus verdaderas preguntas y maestros que sepan y quieran escuchar, convirtiendo a la escuela en un espacio público de memoria y de invención de futuro” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 111).

As mudanças civilizatórias que as tecnologias promovem no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como a maneira como os processos educativos fazem uso das tecnologias da informação são os temas estudados pela área de mediação tecnológica na educação. De acordo com Soares, parte-se do princípio de que existe uma nova realidade: “... os modernos recursos da informação, especialmente o computador, vieram abalar a dicotomia entre Comunicação e Educação, permitindo aos educadores e aos educandos a ampliação de suas possibilidades de expressão e de produção cultural” (SOARES, 2001, p. 121). O autor destaca que, apesar de o âmbito tecnológico ter sempre representado um espaço sociocultural por excelência, foi cercado por um discurso tecnicista, que reduzia a tecnologia a algo puramente técnico, o que dificultou ao sistema educativo compreender as reais dimensões da presença da tecnologia nas relações sociais. “Pelo visto, os engenheiros moveram-se mais rápido que os sociólogos e psicólogos no tratamento teórico das questões



relacionadas aos novos instrumentos de disseminação da informação” (SOARES, 2001, p. 121). Porém Soares destaca também que, atualmente, multiplicam-se os autores que evocam a necessidade de ver os novos recursos da informação como eixos centrais do desenvolvimento individual e social.

Soares lembra que um dos primeiros autores a pensar a sociedade a partir da mediação tecnológica foi Jesús Martín-Barbero, que continua desenvolvendo esse trabalho e introduziu o debate da perspectiva cultural das relações comunicacionais, trabalhando o conceito de “ecossistema comunicativo”, já discutido anteriormente.

“Afirma Barbero que, para enfrentar o desafio tecnológico, devemos estar conscientes de dois tipos de dinâmicas que movem as mudanças na sociedade: a incidência dos meios tradicionais e o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade, garantindo, contudo, que, num primeiro momento, o que aparece como estratégico, mais que a intervenção dos meios, é a aparição de um ecossistema comunicativo que está se convertendo em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental” (SOARES, 2001, p. 121).

A relação que a sociedade está estabelecendo com as novas tecnologias, especialmente os jovens, seria a primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo. Um exemplo seria o cartão magnético, que está substituindo o dinheiro, ou mesmo a Internet, com suas grandes rodovias capazes de gerar novas sensibilidades. A área da mediação tecnológica supera a tradicional visão instrumental das tecnologias, para discutir o cenário e o ambiente em que atuam, como ressalta Soares ao citar Marisol Moreno: “Assim, o âmbito dos debates é o das ‘mediações’ e não apenas o da ‘instrumentalidade tecnológica’” (SOARES, 2001, p. 122).

Soares lembra que o modelo de comunicação linear está se transferindo para o modelo em redes, de comunicação distribuída, o que desestabiliza os modelos tradicionais de se fazer educação. Segundo o autor, é preciso pensar a introdução de novas tecnologias na educação, “perguntando-se permanentemente pelo modelo de comunicação que subjaz ao sistema educativo específico” (SOARES, 2001, p. 123). Seja na educação formal, não formal ou informal, a aprendizagem ocorre quando o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. E, como o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a “produzir sentidos”, ele converte-se em mediação, porém não é a tecnologia que provoca a aprendizagem, mas sim o “sentido”, razão pela qual o campo compete à comunicação.

Se as tecnologias funcionam como uma mediação na aprendizagem, é importante que a escola introduza esses recursos. No entanto, Soares destaca que a própria Unesco reconhece que alguns problemas vão surgir, pois, “como a educação é um processo, ao se



introduzir a tecnologia na relação professor/aluno, uma série de novos problemas aparece, como a tensão, a expectativa, os medos de rejeição e de inadaptação” (SOARES, 1999, p. 35). Mas a Organização insiste que as tecnologias devem ser utilizadas na escola porque elas já fazem parte da sociedade e podem trazer as soluções para diversos problemas que a educação enfrenta.

Soares lembra que alunos e professores encaram a chegada da tecnologia de diferentes maneiras. Os professores, geralmente, mostram-se receosos e até resistentes, enquanto os alunos são atraídos por esse novo modo de aprender. Portanto, há a extrema necessidade de uma reformulação na relação professor/aluno, pois, com as novas tecnologias, os professores também passam a ser aprendizes, aprendendo inclusive com os próprios alunos. Além disso, essas novas formas de aprender mostram que o ensino não se restringe à sala de aula e que os objetivos da educação devem ir além do conteúdo escolar, contribuindo para o desenvolvimento humano. As novas tecnologias não são as salvadoras da educação; a questão central da educação deve estar no crescimento do indivíduo enquanto ser humano. “Parece-nos primordial não mais questionar qual o problema da educação e sim quais os problemas do indivíduo que a educação pode ajudar a solucionar” (SOARES, 1999, p. 36).

A falta de orientação dos professores pode ser um obstáculo para a realização da mediação tecnológica na educação, pois, de acordo com Soares, ao citar Bernard Levrat, da Unesco, há muitas opiniões sobre o que deveria ser feito na escola, mas poucas pesquisas que possam realmente orientar os professores. “A obsolescência das informações parece ser tão rápida quanto a dos equipamentos” (SOARES, 1999, p. 36). Mesmo com todas as dificuldades, é inegável que o computador está propiciando uma nova forma de ensino/aprendizagem. Ele trouxe o hábito de pesquisa para os alunos, o qual deve permear o modo como as disciplinas são exploradas e ensinadas.

### **5.3. Área da Gestão da Comunicação em Espaços Educativos**

Essa área caracteriza-se, segundo Soares, “pelo planejamento, execução e realização de programas e projetos que se articulam no âmbito da Comunicação / Informação / Educação, criando e implementando ecossistemas comunicacionais” (SOARES, 2001, p. 121). Na perspectiva da gestão comunicativa, o ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. Como exemplos, Soares destaca a família, a comunidade educativa,



centros culturais, emissoras de rádio e TV, pois todos podem criar diferentes tipos de ecossistemas comunicacionais, já que envolvem seu público e se convertem em objetos de planejamento e acompanhamento. Diferentes ecossistemas comunicativos podem desfrutar da participação de uma mesma pessoa. “Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros, o que torna complexo e rico o trabalho do gestor de processos comunicacionais em ambientes educativos” (SOARES, 2001, p. 121).

A gestão da comunicação nos espaços educativos se dá tanto nos ambientes formais quanto nos informais e também naqueles voltados para a educação a distância, onde se formam comunidades virtuais. A principal característica da gestão é, segundo Soares, a “costura” que o profissional faz entre as várias vertentes que aproximam a Comunicação e a Educação, sempre por meio da ação prática. O autor lembra que os educadores podem tirar proveito das inúmeras estratégias de atuação em processos inter-relacionais que o campo da comunicação possui, planejando ambientes que estimulem a participação dos educandos, que provoquem comportamentos, motivem estados de espírito e tragam à tona a criatividade. A sala de aula, principalmente, precisa romper com os esquemas de comunicação unidirecionais, afinal, a cultura informático-midiática constantemente provoca o aluno a interagir.

Soares ressalta que essa área de intervenção vê a escola como um mundo complexo de comunicação, repleto de conexões internas e externas, e, portanto, propõe-se a romper com os modelos tradicionais de comunicação docente. Esses modelos dizem respeito não apenas às relações professor-aluno, como também às relações mais amplas de gestão pedagógica e escolar. “Buscam fazer da escola um lugar mais interativo, onde o aluno tem a palavra, onde seu ponto de vista tem vez e onde a pesquisa e o exercício do diálogo estão integrados às metodologias pedagógicas” (SOARES, 2001, p. 126).

Os projetos da área de gestão comunicativa nos espaços educativos criam alternativas metodológicas para a transdisciplinaridade, fazendo com que as disciplinas deixem de ser extremamente formais e fragmentadas, não mais cristalizando o conhecimento em compartimentos fechados. Como exemplos de projetos da área, podemos citar Castelo Rá-Tim Bum, da TV Cultura; TV Futura; “imprensa-escola” (o jornal na sala de aula); e programas de informática educativos.

Como a sociedade já está plenamente inserida na Era da Informação, com as tecnologias chegando tanto aos países ricos quanto aos pobres, Soares destaca que essa abrangência amplia as possibilidades de acesso aos anteriormente inatingíveis recursos



tecnológicos. E, nesse contexto, uma política de programação se faz essencial, política esta que gere formas de intervir nas matrizes de elaboração de programas e produtos através de produções geradas no espaço educativo. Não se trata, de forma alguma, de controles de caráter repressivo, como aconteceu no passado. O objetivo é estabelecer um novo pacto social em torno da produção e do uso dos meios, “um pacto que reconheça a especificidade da comunicação educativa e o papel de seu agente, o educador” (SOARES, 1999, p. 41). A educação é a ação resultante desse pacto, sendo a área de Gestão da Comunicação no Espaço Educativo o que garante o processo de constituição desse novo campo, pois leva, com o apoio das outras áreas de intervenção, as comunidades envolvidas a transformarem seus espaços educativos em expressivos ecossistemas comunicacionais.

Soares resume os objetivos da gestão comunicativa com as seguintes palavras:

“... a gestão comunicativa visa garantir, mediante o compromisso e a criatividade de todos os envolvidos e sob a liderança de profissionais qualificados, o uso adequado dos recursos tecnológicos e o exercício pleno da comunicação entre as pessoas que constituem a comunidade, assim como entre esta e os demais setores da sociedade” (SOARES, 1999, p. 41).

A proposta é o estabelecimento de um novo modo de intervenção cultural, e não somente possíveis interfaces entre a comunicação e a educação. Nos processos de produção cultural, o educador exerce o papel de mediador tanto no ecossistema escolar quanto nos meios de comunicação. Uma nova produção simbólica e uma nova prática comunicativa são geradas a partir da gestão comunicativa, que tem o domínio das ações voltadas a mobilizar os educadores (que também são comunicadores) e os educandos (que são também comunicadores) para o desenvolvimento de “uma produção processual, aberta e rica de comunicação no interior dos espaços educativos e nas relações destes com os meios de comunicação e com a própria sociedade” (SOARES, 1999, p. 42).

#### **5.4. Área da Expressão Comunicativa através da Arte**

Essa é a área mais recente da Educação e ainda pouco pesquisada. Ismar Soares a identificou no trabalho dos arte-educadores norte-americanos que usam o vídeo para integrar jovens marginalizados às comunidades, especialmente na região de São Francisco. No Brasil, o tema ficou evidente a partir das conclusões da pesquisa que Angela Schaun realizou junto a atores sociais da Bahia. A professora utilizou a mesma metodologia que o NCE havia empregado em sua pesquisa latino-americana, entre 1997 e 1999. Ao estudar a prática social em torno da questão racial, identificou exemplos de



atividades educacionais possíveis graças especialmente à arte – dança, música, pintura, escultura – desenvolvida com/pelos jovens. Foi o caso da revista em quadrinhos “Luana”, criada por Aroldo Macedo, com textos de Oswaldo Faustino e ilustrações de Arthur Garcia. Trata-se da primeira protagonista negra na história dos quadrinhos brasileiros. Antes dela, só Pelezinho, que se tornou personagem principal por causa da importância do jogador de futebol, e não pela cor da pele.

Schaun explica que Luana é uma personagem estruturada: tem pai, mãe, irmão, avó, amigos, contexto essencial para fazer dela um espelho para as crianças negras. “Para Aroldo, a visibilidade do negro na mídia aumentou, mas ainda é muito ligada ao esporte e à música, justificando a importância de Luana na inserção do imaginário infantil das crianças negras” (SCHAUN, 2001, p. 14). Esse é um exemplo educacional, pois a Educação propõe a igualdade, a inclusão, abominando as formas de discriminação.

Como a Educação incentiva os indivíduos a se expressarem, esse campo estabelece uma forte ligação com a arte, afinal, através do fazer artístico as pessoas se expressam. Na prática, essa quarta área de intervenção social da Educação diz respeito a atividades geralmente coordenadas por arte-educadores no sentido de garantir espaços de fala, visibilidade e livre expressão dos sujeitos sociais.

Mais recentemente, o próprio NCE tem usado a arte como condição da prática educacional em seu projeto Educom.JT, uma página dedicada aos pais e mestres, distribuída aos domingos pelo Jornal da Tarde, em São Paulo, com orientações para o tratamento, em sala de aula, dos mais diversos temas, contando para tanto com a assessoria de pesquisadores do NCE. Ao ser divulgado pelo site da revista Nova Escola<sup>5</sup>, o tema mais visitado tem sido, justamente, a página que trabalha com a História em Quadrinhos<sup>6</sup>.

### **5.5. Área das Reflexões Epistemológicas em torno do Novo Campo**

As conclusões dos pesquisadores do Núcleo de Comunicação da ECA/USP que, ao longo da pesquisa, refletiram sobre a inter-relação comunicação/educação foram reunidas nesta área de intervenção por Ismar Soares. Destacam-se cinco conclusões:

- A relação entre Educação e Comunicação já possui um ponto de confluência, que inclui um senso agudo de responsabilidade social, de justiça e de altruísmo. Segundo Soares, esse lugar precisa ser ocupado e isso acontece quando a Educação se entende, ela mesma, como processo comunicativo, e no momento em que a Comunicação se percebe como processo de mediação social, no espaço da transformação da cultura. “A

---

<sup>5</sup> [www.novaescola.com.br](http://www.novaescola.com.br)

<sup>6</sup> As páginas do NCE no Jornal da Tarde podem ser acessadas também pelo site [www.usp.br/nce](http://www.usp.br/nce).



autonomização do novo campo ocorre na confluência das inter-relações que o constituem, a caminho de uma nova racionalidade” (SOARES, 1999, p. 45).

• Soares cita o educador francês Pierre Furter ao comparar Educação e Comunicação. De acordo com o educador, a Comunicação é mais aberta a mudanças, é um campo que permite a interdisciplinaridade, pois é mais ágil em sua forma e em seus procedimentos. Já a Educação está condenada a viver presa à ordem estabelecida, submetida ao papel do Estado civilizador. Para Furter, seria impossível construir uma ponte adequada entre os dois campos, devido à própria incapacidade da sociedade, o que levaria ao fim da escola, pois essa não seria capaz de se transformar e perderia espaço para o mundo da comunicação. No entanto, Soares destaca que a Educação pode transformar-se em campo de exercício da própria Comunicação. A Educação tem, ela própria, condições de gerar mudanças para a Comunicação. “Ao mobilizar pessoas em permanente interação, sistematizar e divulgar conhecimentos, garantir espaço para as manifestações da criatividade, a Educação apresenta-se, em numerosos casos, como um fator de mudanças paradigmáticas para a própria Comunicação” (SOARES, 1999, p. 46). Os dois campos, portanto, podem e devem se aproximar, para que um contribua com o outro de forma dialógica.

• É importante definir os termos com os quais a Educomunicação trabalha. Nesse campo, Educação é entendida como:

“... os processos que propiciam uma interação dialética entre as pessoas e os grupos humanos em determinados territórios, ordenando, sob esta ótica, a socialização dos membros das comunidades no contexto de suas respectivas culturas, facilitando sua integração e convívio em sociedade, o que inclui, em diversos graus, de acordo com as circunstâncias, a transformação de valores, a afirmação de atitudes, assim como o desenvolvimento das potencialidades e a expressão da criatividade” (SOARES, 1999, p. 46).

Já a Comunicação é entendida, segundo Soares, a partir da teoria de Pierre Babin: “o mundo é conduzido pela comunicação, mais especificamente pela comunicação audiovisual e eletrônica” (SOARES, 1999, p. 49). Comunicação, muitas vezes, confunde-se com participação, pois ela é um estímulo, com forte incidência sensorial. Babin lembra que a essência da linguagem na comunicação oral é a palavra; na escrita, é o vocábulo; já no caso da comunicação audiovisual, a essência da linguagem é a modulação, isto é, uma espécie de vibração física que produz efeitos psíquicos através da imagem e do som. Portanto, de acordo com Soares, usar a comunicação audiovisual, a modulação, num processo educacional significa ir além da adoção das tecnologias como meros recursos auxiliares da velha linearidade pedagógica.



• A Educomunicação pode e deve ser pensada e estruturada no contexto da “cultura de massa”, pois não é possível fazer Educação sem considerar os fenômenos massivos dos meios de comunicação. Ao citar Nestor Canclini, Soares lembra que as grandes massas, cuja afirmação está no consumo, conseguem viver sem a escola, porém já não vivem sem a comunicação.

“É da Comunicação que alimentam seu imaginário, constroem suas representações, encontrando a síntese para a complexidade da vida moderna. Ou como recorda Bisbal, é nela que encontram o espaço de mediação social e de significação, para além da fragmentação e simplificação patrocinada pela ciência tradicional, reproduzida pela escola formal” (SOARES, 1999, p. 52).

Portanto, faz-se necessário, como destaca Soares, que a Educomunicação crie mecanismos para o entendimento e a apropriação dos processos massivos de produção da cultura. A Educomunicação precisa ter como própria linguagem a linguagem dos meios, de forma a promover a experimentação e o exercício da criatividade.

• A inter-relação entre Comunicação e Educação resulta na formação de um novo campo, cujo eixo construtor é a interdiscursividade, que necessita de aprofundamento teórico e prático. É preciso derrubar paredes e estabelecer pontes entre Comunicação e Educação, levando em conta o contexto sociocultural. Esses três espaços (Comunicação, Educação e contexto sociocultural) devem ser vinculados como uma relação, e não como áreas que disputam o mesmo objeto. Soares ressalta a urgência do desenvolvimento dessa interdiscursividade na busca de matrizes conceituais transdisciplinares que gerem uma nova formulação conceitual sobre o que é educar na situação neo-moderna. “Urge, para tanto, afastar a inflexibilidade de ‘paredes’ e buscar a funcionalidade e os benefícios de ‘pontes’” (SOARES, 1999, p. 56). Soares, ao citar Nadia Lauriti, afirma que estamos diante de um processo capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas que podem reconceitualizar a relação entre Comunicação e Educação, direcionando-a para uma “educação cidadã emancipatória”. O grande desafio da Educomunicação é, de acordo com Soares, “a construção de um projeto pedagógico que transforme a práxis da comunicação em qualquer contexto aprendente” (SOARES, 1999, p. 57), afinal, hoje existem outras instâncias comunicativas dividindo com a escola a tarefa de socialização do saber. Esse projeto deve ser descentralizado e plural, além de superar a concepção instrumental dos meios e das tecnologias. Dessa forma, poderão ser criados novos cidadãos, capazes de repensar seu papel e promover novas ações.

### **Considerações finais**

Acreditamos que o caminho para uma efetiva integração entre educação e comunicação está na Educomunicação, capaz de criar verdadeiros ecossistemas comunicativos: não apenas



os meios de comunicação passam a contribuir com a educação, mas toda a comunicação da escola se transforma, melhorando o fluxo de informação, a relação entre professores, alunos, direção e comunidade, e facilitando a expressão desses agentes sociais. A Educomunicação chega para vencer as barreiras que dificultam essa integração e, conseqüentemente, a aprendizagem, priorizando o relacionamento entre as pessoas e o desenvolvimento da democracia. O aluno ganha voz e o professor aprende que seu papel vai além de transmitir conhecimentos, descobrindo-se como um facilitador da aprendizagem.

### Referências bibliográficas

CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola*. SP, Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ensanchando territórios em comunicación/educación. In: VALDERRAMA, Carlos, *Comunicación & Educación*. Bogotá: Universidad Central, 2000.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: Algumas questões sobre cidadania, racismo e mídia*. Campo Grande: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0177.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2006, 18h40.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília: Ano 1, nº 1, jan/mar 1999.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.

\_\_\_\_\_. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/USP-Ed. Segmento, Ano VIII, jan/abr. 2002, nº 23.

\_\_\_\_\_. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* [S.I.]: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, [S.D.]. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos>. Acesso em 6 de outubro de 2006, 19h17.

\_\_\_\_\_. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2001.